

SOBRE OS RIOS QUE VÃO:
CANTANDO EM BABILÔNIA AS CANÇÕES DE SIÃO

Filipe Amaral Rocha de Menezes (UFMG)¹

Resumo: O romance *Sobre os rios que vão*, publicado em 1990 por Maria José de Queiroz, narra a história de uma família judaica (sefardita) e búlgara no interior de São Paulo. O enredo gira em torno do jovem Joel Levi que, para tentar escapar de sua origem, troca seu nome para Jari Leite. Estão no horizonte dessa trama a sua relação com o passado do seu pai, Fatuel Levi, e, por extensão, com a sua herança judaico-sefardita. Desde o título, o leitor está imerso na “literatura do exílio” e nos “males da ausência”, desde a referência ao salmo bíblico até sua célebre tradução nos versos de Luís de Camões no poema conhecido tanto como por “Sôbolos rios que vão” quanto por “Redondilhas de Babel e Sião.

Palavras-chave: Maria José de Queiroz; Sefarad; Exílio.

Não sei hoje nem uma coisa nem outra, meu filho. Aliás, o espanhol que conheço é esse, de ouvido, de algumas dezenas de adágios e provérbios que os parentes viviam repetindo. Faço o que posso para não esquecê-los pois se isso acontecer será como perder a minha própria alma. O Guadagnini e essas palavras em espanhol são a minha única herança: tudo o que me resta da minha família e da minha gente.

(Maria José de Queiroz)

O romance *Sobre os rios que vão*, publicado em 1990 pela escritora mineira Maria José de Queiroz², narra, não sem um lirismo, a história de exílio de uma família sefardita no interior do estado de São Paulo. O enredo gira em torno do jovem Joel Levi que, para tentar escapar do peso de sua origem judaica, troca de nome para Jari Leite. Estão, no horizonte dessa trama, sua tentativa de desvencilhamento do passado de sua família, o que significa embates com seus pais, Fatuel e Miriam Levi, e, por extensão, com a sua tradição étnica, cultural e religiosa judaico-sefardita.

1 Graduado em Administração (UFJF), Mestre em Estudos Literários (UFMG), Mestre em Administração Pública (FJP), Doutorando em Estudos Literários (UFMG). Contato: filipearm@ufmg.br.

2 Maria José de Queiroz nasceu em Belo Horizonte, é doutora em Letras Neolatinas pela Universidade Federal de Minas Gerais, onde também lecionou Literatura Latinoamericana. É autora de *Joaquina, filha de Tiradentes* (1987), *Como me contaram* (1973), *Ano novo, vida nova* (1978), *Homem de sete partidas* (1980), entre outros romances, obras poéticas e ensaísticas como *A literatura encarcerada* (1981), *A literatura e o gozo impuro da comida* (1994), *Os males da ausência ou A literatura do exílio* (1998) e *Em nome da pobreza* (2006).

O lamento, em epígrafe aqui, é um trecho de uma conversa entre pai e filho, quando Jari lembra que o pai sabia mais do espanhol, ou do ladino, que do búlgaro, a língua de seu país natal. Fatuel lembra que seu pequeno vocabulário em espanhol é o que restava de do seu passado, herança de sua família, assim como um famoso violino.

De imediato, o título do romance chama a atenção do leitor e lembra os famosos versos de Luís de Camões no poema conhecido tanto como por “Sôbolos rios que vão” (seu primeiro verso), quanto por “Redondilhas de Babel e Sião”, que assim começa:

Sôbolos rios que vão
Por Babilônia, me achei,
Onde sentado chorei
As lembranças de Sião
E quanto nela passei (CAMÕES, 1988, p. 75).

Essa cena de lamento reproduz o texto bíblico do livro de *Salmos* e retrata o sofrimento dos judeus em exílio na Babilônia, longe de Jerusalém, sob o julgo de Nabudonosor. O cântico bíblico decalcado por Camões é o que se segue:

Às margens dos rios de Babilônia, nos assentávamos chorando, lembrando-nos de Sião. Nos salgueiros daquela terra, pendurávamos, então, as nossas harpas, porque aqueles que nos tinham deportado pediam-nos um cântico. Nossos opressores exigiam de nós um hino de alegria: Cantai-nos um dos cânticos de Sião. Como poderíamos nós cantar um cântico do Senhor em terra estranha? Se eu me esquecer de ti, ó Jerusalém, que minha mão direita se paralise! Que minha língua se me apegue ao paladar, se eu não me lembrar de ti, se não puser Jerusalém acima de todas as minhas alegrias (Salmo 137).

Segundo Michael Brenner, essa passagem é entendida, principalmente pelos judeus do exílio, como prova da fidelidade inabalável dos que estavam na Babilônia a seu país de origem (BRENNER, 2013, p. 6). Esse episódio teria ocorrido no ano de 586 a.C. quando o rei Nabucodonosor II sitia Jerusalém, submetendo e levando o rei Joaquim e sua corte ao exílio, arrasando o florescente centro de Judá e destruindo o Templo.

A ideia de lealdade à pátria mesmo no exílio teria sido fonte de consolo e de esperança primeiro aos hebreus e depois aos judeus que, em épocas posteriores, foram obrigados a deixar o local onde viviam (BRENNER, 2013, p. 6). A partir dessa condição de exílio, presente tanto no texto bíblico quanto na literatura judaica e universal, vários escritores e artistas falam de suas histórias e, sobretudo, de sua condição de *outsiders*, de *flâneurs*, de excluídos, mesmo, em ocasiões quando, em sua própria terra, experimentam um exílio metafórico, interior.

O exílio judaico, no entanto, para os judeus, não é uma metáfora. Ela expressa uma situação real, de contínua errância, que acabou por enriquecer a cultura e a tradição de um povo que, no contato com outros, deixou-se mesclar e desterritorializar tanto pelo uso das várias línguas dos países por onde passaram e vieram a se estabelecer, quanto pela religião e sua tradição, que adquiriram características mais flexíveis e libertárias. Desse modo, o que poderia ser visto como as ruínas de uma pátria, Israel, Bulgária ou Sefarad, como é chamada a região da Espanha, transformou o povo judeu em uma mescla de culturas, de tradições.

Segundo Brenner, na consciência judaica, o mapa da Europa é também o mapa bíblico, como descrito pelo profeta Abdias que, falando de uma guerra, cita “Sefarad” e “Zarefat”, que corresponderiam às regiões da Ásia Menor e Fenícia, respectivamente. Mais tarde, afirma Brenner, quando os judeus chegaram à Europa, a geografia concreta mudou, mas em sua imaginação coletiva, os judeus continuavam radicados no mundo bíblico. Desse modo, Zarefat se tornou a França e Sefarad, a Península Ibérica (BRENNER, 2013, p. 80).

Ao estudar o romance de Queiroz, Lyslei Nascimento, afirma: “desdobrando “Babel e Sião”, de Camões, [Queiroz] empreende a construção de um texto que faz circular signos como o exílio, a duplicidade do nome próprio e a condição de estrangeiro do povo sefardita.” (NASCIMENTO, 2008, p. 37). Após a expulsão da Espanha, a partir de 1492, os judeus foram para a Grécia, Região dos Balcãs, Norte da Europa e Turquia (SZPILMAN, 2012). Eles também migraram para o norte da África, Marrocos, Argélia e Tunísia. Os judeus sefardim se espalharam, depois, para outros lugares, dentre eles, o Brasil (BENTES, 1987, p. 137).

No romance *Sobre os rios que vão*, a Babilônia, ou seja, o local de exílio, onde as personagens vivem suas histórias são vários: a cidade de São Paulo, após a imigração do pai Fatuel; o interior paulista, São Godofredo, onde constituiu família e onde ele se tornou um *luthier*; para Jari, também a cidade de São Paulo de seus estudos e do tio Mattei, depois sua experiência na Alemanha e na França. Assim, essas “Babilônias” transmutam-se em lugares imaginários, na verdade, como um estado de espírito que se revela nos lamentos dos males da ausência.

Aqui vale lembrar a pontual acepção de Maria José de Queiroz, no ensaio *Os males da ausência ou a literatura do exílio*, que oferece uma análise acurada e rigorosa,

dessa condição dos exilados, sejam eles judeus ou não, na civilização ocidental (QUEIROZ, 1998). Sobre o contexto clássico grego, Queiroz observa que “do afastamento da casa e da pátria resultam, além da carência afetiva e dos danos civis, de dolorosa repercussão na rotina, a morte degradante (porque à míngua dos rituais sagrados), a escravidão em terra alheia, a ruptura do hábito, a perda dos bens e, à volta, as dificuldades de readaptação.” (QUEIROZ, 1998, p. 41). Ou seja, o estrangeiro em exílio, afastado do seu meio, perde diversas prerrogativas como cidadão, fiel a uma fé ou mesmo proprietário de bens materiais, além de perder suas referências culturais e sua língua. No romance, o narrador dá o tom desse clima de exílio:

Perturbado pela lembrança obsedante do passado, não consegue dormir. O Partido, as reuniões clandestinas, os anos de aprendiz de *luthier*, as lições de violino, a colônia *sefardí*, as perseguições, as paisagens exóticas, visitadas pela família, os mares e os países atravessados antes da chegada à Bulgária, ainda dominada pelos turcos, a leitura diária da *Torah*... O comunismo tinha acelerado a sua maturidade. A crise da adolescência, ele a resolvera ao comprometer-se com o movimento operário internacional. [...] Mas... tudo deu em nada. *Bostezos de Salomón*, como diria o avô (QUEIROZ, 1990, p. 70).

Nesse trecho, Fatuel, já renomeado de Faustino, em um momento de frustração, relembra algumas cenas de sua Sião particular, ou seja, a Europa. Essas memórias emergem em meio a um desentendimento com o filho. O pai, perturbado, queria que ele, se dedicasse ao estudo da música, mas o filho não desejava essa dedicação, preferindo os estudos de Física. Julia Kristeva ressalta essa característica melancólica do estrangeiro, que procura lembrar miragens inalcançáveis do seu passado, “o estrangeiro é um sonhador que faz amor com a própria ausência, um deprimido extravagante” (KRISTEVA, 1994, p. 18). Um sentimento que questiona a partida da terra materna, o porquê de tê-la abandonado.

Perpassa o discurso de Fatuel, as perdas e os danos causados pelo nazismo e pelo exílio forçado, como no trecho em que, frustrado em seu intento de influenciar o filho, ele reflete sobre sua decepção:

Nunca voltara à Europa. Pra quê? Nem sabia onde o velho tinha sido enterrado. A mãe morre no campo de concentração. Nora, também. Assim com o pobre do Samuel. E os seus filhos? Aonde procura-los? Onde visita-los? Ainda que os encontrasse, que iria dizer-lhes? [...] O trabalho, apenas o trabalho, o livrara do sentimento de frustração. Era seu ópio. Agora, com o filho fora do país, precisaria, cada vez mais, desse ópio (QUEIROZ, 1990, p. 162).

Esse retorno do personagem ao trabalho para fugir da decepção remete o leitor novamente a reflexão de Kristeva sobre o estrangeiro: este, poderia ser considerado sinônimo de trabalhador, pois é um estado inerente ao imigrante, é aquele que trabalha obstinadamente, que investe em si mesmo e se gasta, já que não é nada, pode sacrificar tudo KRISTEVA, 1994, p. 26-27). Para Fatuel, assim, estar obcecado e apaixonado por seu trabalho e estar ainda ligado a seu passado e o que ele representa na nova terra.

A sua profunda ligação com a música e com a arte dos violinos, tanto em sua construção quanto seu em uso como instrumento musical, o “seu ópio”, seria como que seu passado estivesse materialmente ali representado. Toda uma tradição de família, sua cultura sefardita, “o violino acorrentava-o a um passado obscuro, frequentado pela usura, pela perseguição, pela intolerância e pela morte: do êxodo da Península, no século XV, ao solo livre dos Países Baixos e à Turquia muçulmana.” (QUEIROZ, 1990, p. 73). Jari estava ciente desse peso, pois “prometera a si mesmo que havia de opor-se à servidão secular” (QUEIROZ, 1990, p. 73) do violino herdado de pai para filho por séculos, por várias gerações.

O violino Guadagnini³ carrega toda uma memória familiar, “sua sonoridade profunda os acompanhara no momento mais áspero do desterro quando, separados dos companheiros sefarditas, se viram obrigados a falar língua estranha” (QUEIROZ, 1990, p. 75), de traumas, de perseguições: para Jari, uma pós-memória.

Beatriz Sarlo, em debate sobre esse conceito, define que a pós-memória como algo que “seria a reconstituição memorialística da memória de fatos recentes não vividos pelo sujeito que os reconstitui” e que “toda experiência do passado é vicária, pois implica sujeitos que procuram entender alguma coisa colocando-se, pela imaginação ou pelo conhecimento, no lugar dos que a viveram de fato” (SARLO, 2005, p. 93), Jari percebe esse peso ao seguir a carreira como violinista. Seu envolvimento, a que o seu pai tanto desejava, o faria completamente envolto, vivenciando um passado a que ele não pretendia de forma alguma estar preso. Desse modo procurando desvencilhar-se, envolve-se, ironicamente, com a carreira de físico.

3 Denominação dada a violinos ou outros instrumentos de cordas produzidos por Giovanni Battista Guadagnini e são extremamente valiosos. Esse lutier italiano trabalhou por um período de 44 anos em diferentes cidades europeias e foi considerado um dos melhores fabricantes de violinos do século XVIII.

O pai presenteara o filho com um violino, projetando nele um futuro brilhante com a música, como tantos outros violinistas virtuosos judeus. O filho tocava no “Municipal, do Rio ou de São Paulo? Ou na Ópera, de Paris? No Carnegie Hall, de Nova York? Se é pra sonhar, vamos sonhar alto. Nada de cabarés da Bulgária da minha juventude, mas o grande teatro de Sofia.” (QUEIROZ, 1990, p. 67). Jari responde com uma atitude defensiva, porém dúbia: “Não sei se vou ter tempo para estudar! Não alimento essa ilusão. Talvez ainda toque, quem sabe?, num daqueles cabarés de Sofia de que me falou. Mas não tenciono passar de amador.” (QUEIROZ, 1990, p. 71). Após essa reação, Fatuel submerge, decepcionado, em reclusão e silêncio no restante dos momentos da despedida do filho:

A alegria solitária se consome, com o suor, na febre do esforço e da concentração. E para recuperá-la é preciso recomeçar, recomeçar sempre, incessantemente. Ele estava cansado. Que lhe restava depois de tantos recomeços? Um nome novo no cartório, um filho que não o compreendia e esse lamentável sentimento de frustração (QUEIROZ, 1990, p. 71).

Dessa decepção, surge uma reflexão, ainda mais terrível, que paira sobre a família Levi: a mudança do nome. Os judeus já foram a essa estratégia em alguns momentos cruciais, como na conversão forçada dos judeus portugueses em 1497, ou no processo de registro civil dos judeus da Europa oriental, a partir de meados do século XVII, uma vez que mantinham o costume de usar seu nome associado ao de seu pai, conforme sua tradição. No caso da família Levi, transformada em família Leite, essa mudança pretendia camuflar a origem judaica para melhor se adaptarem, julgavam eles, no contexto brasileiro. Assim, lembra o narrador:

Joel, filho de Fatuel. Nunca mais ouviria a rima ultrajante. A Bíblia, Sofia e Bulgária, a colônia *sefardi* de Córdoba, Granada e Fez acabavam de ser riscadas do seu mapa e do seu diário pessoal Jari Leite, filho de Miriam e Faustino Leite. Quem bom! Podia ser melhor se a mãe tivesse concedido na mudança de Miriam para Maria... Paciência...” (QUEIROZ, 1990, p. 5).

Como o pai, Jari deseja, de alguma forma, livrar-se do que considerava um peso, o passado do pai, da tradição sefardita, da história na Bulgária, e até mesmo do judaísmo, numa tentativa de abrasilizar-se, adota um nome indígena, Jari, e um sobrenome brasileiro comum, Leite. Importante lembrar que os judeus portugueses convertidos também adotaram esse sobrenome, o que acaba por criar um efeito especular, escapar a sina de ter um nome judaico explícito e cair em outro, por adoção.

Num amargurado diálogo com a mãe, pode-se perceber esse remordimento:

— Quanto a ser judeu, isso já está resolvido: aprendi, com um colega de Faculdade, Jacques Cohen, que só é judeu quem pratica a religião. Ele, apesar do nome, não se considera judeu. Eu também não. Sou cidadão brasileiro.

— Tudo isso é triste. Muito triste. Você nos deixa sem qualquer emoção. [...] Nós, seus pais, já desaparecemos da sua biografia. Você é Jari Leite, cidadão brasileiro. Correto. Mas... filho de quem? Como é que preencheu os documentos para a tal bolsa, hein? (QUEIROZ, 1990, p. 121).

O embate entre a tradição que a mãe representa e tenta manter e a busca da assimilação pelo filho ilustram uma das muitas dificuldades dos exilados e do choque, até certo ponto comum, entre as gerações sejam elas de judeus ou não. O filho segue, na maioria das vezes, na contramão do esforço dos pais de manter as tradições paternas, mesmo longe do local de origem. Joel/Jari empenha-se, assim, ao distanciamento dessa herança cultural, uma repleta de sentimentos, sentidos e significados, uma pós-memória traumática que o nome de origem judaica possa associá-lo.

Manter o nome de família, mesmo que para Joel (ou Jari), este nome possa trazer um peso, seria uma forma de preservar um pouco da herança, de Sefarad, ou mesmo da Sião imaginária, na visão das demais personagens. Desse modo semelhante, os hebreus no Exílio em Babilônia, embora tristes e tendo pendurado seus instrumentos nos salgueiros em terras estrangeiras, entoam seus cânticos sobre Sião, talvez para preservar sua memória, sua identidade e seu passado. Essa identidade também é mantida por meio de alguns hábitos, pequenos prazeres, como a culinária, por exemplo:

Miriam já não obrigava [Faustino] a guardar o *Shabbat*. E diante de sua indiferença não insistia para acompanhá-la à casa dos pais onde ainda se cumpriam, à risca, os preceitos religiosos. A família santificava o dia enquanto ele, livre desses preceitos, trabalhava, almoçava o que Dorinha servia à mesa, jogava xadrez com algum amigo ou tocava violino. À noite, Miriam lhe trazia o pão feito pela mãe na sexta-feira e o resto do almoço: peixes, carne cozida, berinjelas com cebola, pimentão assado com alho, cenouras com páprica – um pequeno festival culinário ao gosto dos Medina (QUEIROZ, 1990, p. 99).

A culinária, com seus sabores e cheiros, leva a memórias afetivas, familiares. Miriam faz questão de manter o hábito alimentar, e se decepciona quando Jari apresenta a namorada Magdala, que não tem origem judaica: “Em meio à euforia da emoção inesperada, uma ponta de desassossego: e se Miriam descobrisse que Jari andava de namoro com uma *goy*? E mais ainda: que a tinha conhecido na ceia de Natal, diante de

um apetitoso e muito católico pernil à mineira?” (QUEIROZ, 1990, p. 49). Como previsto, a mãe reagiu mal a possível futura nora, mas após o rompimento, ela se enche novamente de esperanças:

Livre de Magdala, podia novamente sonhar com uma nora a quem transmitiria o que tinha aprendido com a mãe: iria ensinar-lhe os fundamentos dos usos e costumes e iniciá-la no mistério das coisas sagradas. Como explicar a uma *goyim* [sic] que cada época do calendário judaico corresponde a um código social e cultural? Como fazer entender a uma mineira tradicionalista que todo gesto, todo perfume e todo sabor têm, por isso tudo e muito mais ainda, um sentido ético e religioso e que a ordem doméstica se inscreve num repertório importante de valores universais? Não, não era possível que esse casamento desse certo! (QUEIROZ, 1990, p. 151).

Outras formas do exercício de rememorar, presentes na história, são os *refranes* e expressões em ladino, ou judeu-espanhol, presentes no texto. O romance de Queiroz apresenta um considerável arquivo desses ditos, deixando vislumbrar a riqueza dos ensinamentos morais, mas também seu ritmo e dicção. Além disso, a referência à música tocada pelos violinos da família Leite é outra forma de cantar os lamentos de Sião. O violino Guadagnini, uma herança transmitida por gerações, alcança os musicistas e também os lutiers, os profissionais dedicados à fabricação e ao conserto de instrumentos musicais de corda como o violão, a guitarra, o violino. Por fim, outra forma de tentar esse resgate é manter a tradição por cumprimento da Lei, da fé, por meio da culinária sefardita junto a família de Miriam, onde celebram o à risca, os preceitos religiosos.

Enquanto a mãe, Miriam, como não poderia deixar de ser, se apegava à culinária, Faustino busca sua herança cultural na música e nos *refranes*, a contrapelo do que acredita, Jari apegava-se à Física, acreditando, ilusoriamente, estar se afastando do universo judaico no qual está inscrito.

Sobre os rios que vão, desse modo, faz o leitor percorrer as histórias da família Levi e seus exílios e suas contradições, suas heranças e seus arquivos particulares e coletivos. Ouvir as canções de Sião, ou seja, as muitas formas de não se esquecer de Jerusalém, compõem o enredo no qual Faustino e Jari, em meio as situações da vida, que lidam com seu passado pessoal e com a memória e a tradição judaica sefardita. Os violinos, as músicas, os provérbios em espanhol não são sua única herança, mas são alentados para que seu exílio não seja em vão ou silencioso. Na Babilônia brasileira, ao

cantar sua Sião numa Sefarad sentimental, ouvimos suas canções, seus lamentos, a esperança do retorno do exílio.

Referências

- BENTES, Abraham Ramiro. *Das ruínas de Jerusalém a verdejante Amazônia – formação da primeira comunidade israelita brasileira*. Rio de Janeiro: Bloch, 1987.
- BRENNER, Michael. *Breve história dos judeus*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- CAMÕES, Luís; MOISÉS, Massaud. *Lírica*. São Paulo: Cultrix, 1988.
- KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- NASCIMENTO, Lyslei. *Exercício de fiandeira: Joaquina, filha do Tiradentes*, de Maria José de Queiroz. 1995. 136 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1995.
- NASCIMENTO, Lyslei. Maria José de Queiroz. In: ANDRE, Maria Claudia.; BUENO, Eva Paulino (Ed). *Latin American Women Writers: an enciclopedia*. New York/London, 2008. p. 433-435.
- QUEIROZ, Maria José de. *Os males da ausência ou A literatura do exílio*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.
- QUEIROZ, Maria José de. *Sobre os rios que vão*. Rio de Janeiro: Atheneu-Cultura, 1990.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- SZPILMAN, Marcelo. *Judeus: suas extraordinárias histórias e contribuições para o progresso da humanidade*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.
- URBINA, Jesús Cantera Ortiz de. El refranero judeoespañol. *Paremia*, v. 6. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 1997.